

Introdução ao livro de Timothy Radcliffe,
«Escutai-o!» Para uma espiritualidade sinodal,
pelo Card. Michael Czerny S.J.¹

Ler um livro de Timothy Radcliffe é como respirar uma profunda e intensa lufada de ar fresco. Abre o coração e acalma o espírito. Qualquer pessoa que tenha tido contacto com alguma das suas obras anteriores já fez esta experiência. No entanto, as páginas que me proponho apresentar ao leitor são um pouco diferentes daquelas que o dominicano inglês, anterior Mestre da Ordem dos Pregadores, nos ofereceu no passado. Têm o sabor de um fruto maduro, de uma síntese que transmite a vivência de fé de toda uma vida.

Radcliffe oferece à Igreja e ao mundo uma reflexão incisiva sobre a sinodalidade, simultaneamente profunda e acessível a todos. Aborda esta temática transformando-a numa oportunidade de erguer o olhar e imaginar uma Igreja de portas abertas, acolhedora e hospitaleira, na qual todos podem reconhecer-se e viver como filhos e irmãos na casa do Pai (cf. EG 47). É esta atitude sapiencial que lhe permite comunicar com simplicidade verdades de fé profundíssimas, colocando a sua forma de fazer teologia em continuidade com uma série de autores pós-conciliares – como Chenu, Congar, De Lubac, Daniélou, apenas para citar alguns – que puseram em causa a ideia de um cristianismo monolítico ou homogéneo.

Tudo isto com aquela justa dose de *humor* (também muito inglesa!) que desde sempre o caracteriza. A capacidade de captar com subtileza e retratar com inteligência alguns aspetos divertidos da vida cristã, provocando um sorriso, mas sem segundas intenções maliciosas, é não só um raro talento como também um poderoso antídoto contra a retórica estéril. Em todo o caso, o leitor não tem a impressão de se encontrar na presença de um pregador erudito, mas sim de um amigo de longa data, com o qual pode conversar calmamente, como eu e ele tivemos ocasião de o fazer algumas vezes.

¹ Prefeito do Dicastério para o Serviço de Desenvolvimento Humano Integral

Este livro reúne uma série de intervenções e escritos que o P. Timothy apresentou em várias circunstâncias e que, tal como referido, partilham todos a intenção de oferecer uma reflexão sobre o tema da sinodalidade. Optou-se assim por subdividir o texto em três partes. A primeira parte apresenta por ordem cronológica as seis conferências feitas aos participantes na assembleia do Sínodo sobre a Sinodalidade, por ocasião do Retiro que teve lugar em Sacrofano em outubro de 2023. A segunda contém três meditações que abriram a discussão plenária no decurso da própria assembleia. E a terceira inclui, como apêndice, quatro curtos textos “epistolares” anteriormente endereçados à família dominicana, mas que face a atual necessidade de refletir sobre a corresponsabilidade e a participação de todos os fiéis na boa governação da Igreja, oferecem pontos de meditação adicionais.

Esta obra, pela sua própria natureza antológica, não pretende apresentar os conteúdos com rigor sistemático. Por esse motivo, julgo ser útil destacar alguns “pontos temáticos” que facilitam a compreensão do leitor, permitindo-lhe orientar-se entre as várias argumentações propostas. Estas quatro “palavras-chave” aprofundam o significado da sinodalidade, explicam a sua riqueza e evitam reduzir o seu âmbito a um processo decisório intraeclesial.

Esperança

Uma das afirmações mais incisivas de Radcliffe é a que o leva a salientar o objetivo do Sínodo sobre a Sinodalidade: não produzir mais documentos, mas abrir horizontes de esperança. Convocados de diferentes partes do mundo, com diversas experiências de vida, com responsabilidades e ministérios distintos e complementares, os participantes no Sínodo trazem consigo expectativas e sonhos, mas também receios e preocupações. O facto de não existir convergência sobre as mesmas expectativas e de transparecerem «esperanças contraditórias» não deve, contudo, ser motivo de desânimo ou de alarme. Radcliffe afirma que a natureza divino-humana de Jesus revela como a experiência de crise é a situação em que melhor se manifesta e define a esperança: no preciso momento em que se aproximava a sua entrega às mãos dos violentos, Jesus ofereceu-se aos seus discípulos, no pão e no vinho da última ceia. É este o sentido paradigmático da esperança evangélica: rasgar a apatia e a escuridão de um futuro que parece fechado, inevitável e fatalmente condenado ao fracasso. A esperança cristã é eucarística, porque apesar de

reconhecer as vulnerabilidades, as limitações e os impedimentos do presente, abandona-se com confiança ao impossível de Deus, acreditando que a sua ação pode transformar o que ao olhar meramente humano parece inevitavelmente destinado a uma conclusão certa e inexorável.

Unidade/Pluralidade

Na dialética entre identidade e missão, a Igreja mantém e renova a sua adesão a Cristo. Esta “tensão polar” – como a definiria o Papa Francisco, inspirando-se em Romano Guardini – é inevitável, mas em vez de ser pensada em termos negativos e conflituais, deve ser entendida como um recurso. A Igreja oscila, como um pêndulo, entre passado e futuro, uma vez que está plenamente inserida no movimento da história, na atualização e no devir da salvação, entre o “já” e o “ainda não”.

Duas dimensões podem ajudar a encontrar uma nova articulação das relações entre identidade e missão. A nível intraeclesial, a identidade cristã não deve ser entendida como uniformidade, dado que a mensagem evangélica é em si mesma inclusiva: todas as culturas são terreno fértil para a semente da Palavra. Por outro lado, a Igreja é também desafiada a repensar as suas estruturas e a compreensão da sua ministerialidade, de modo a torná-las, tanto quanto possível, dinâmicas, amplas e abertas a todos os batizados. Radcliffe incentiva-nos a viver a sinodalidade como uma oportunidade para nos interrogarmos sobre o desafio da inculturação da fé e também da participação de todos os fiéis leigos na vida e no governo das comunidades católicas.

A nível extra-eclesial, o anúncio do Evangelho não pode deixar de assumir o confronto com o mundo atual, com a pluralidade de visões e experiências do ser humano. Este facto desafia a própria ideia de missão, convidando-nos a refletir sobre os seus destinatários. A quem é dirigido o anúncio? A nossa ação pastoral dirige-se apenas a quem já encontrou o seu “lugar” na Igreja, ou visa igualmente captar quem ainda não se sente em “casa” nas nossas comunidades? É urgente repensar o papel da mulher na Igreja, bem como assumir as dificuldades vivenciadas pelas pessoas devido à sua orientação homossexual e por todos os que se sentem como “hóspedes indesejados” na Igreja.

Amizade

O anúncio do Evangelho nunca é um ato de comunicação fria de verdades divinamente reveladas, de *in-formação*. A transmissão do Evangelho, para ser realmente eficaz, para libertar a força vivificante e transformadora da Palavra de Deus, deve acontecer no âmbito de relações autênticas. O anúncio do Evangelho é uma oferta de «amizade abrangente», um encontro entre pessoas diferentes que se reconhecem iguais no amor de Deus. Quanto mais improvável é uma amizade, tanto mais se revela o poder do Pentecostes. Porque ultrapassar limites é próprio de Deus, é o verdadeiro significado da história da salvação: em Cristo, Deus anulou a distância que o separava do homem por causa do pecado.

Radcliffe constata com pesar que, na fase preparatória do Sínodo, tenha sido com frequência o clero a mostrar-se mais relutante à ideia de empreender um caminho sinodal. Uma resistência tácita e não declarada, na maioria dos casos expressa indiretamente, como dificuldade em manifestar os próprios receios e as próprias dúvidas. Somos assim levados a questionar o modo como é apresentada a identidade do presbítero na formação dos candidatos ao ministério ordenado, mas ao mesmo tempo, a procurar uma nova conceção da essência do ministério sacerdotal a partir da centralidade da amizade criativa, como arte de tecer relações e reatar laços quebrados. Cultivar uma imaginação compassiva, capaz de se colocar no lugar do outro e «na sua pele», ou seja, disposta a compreender a sua vivência, a identificar-se com o sofrimento provocado pelas feridas que causam o afastamento de Deus, constitui a própria essência do ministério sacerdotal, como extensão da presença reconciliadora do amor de Cristo pela Igreja. Neste sentido, a amizade é um antídoto contra o detestável flagelo do clericalismo, mas também uma “chave” para uma hermenêutica adequada do princípio da autoridade na Igreja, com vista a pôr em evidência uma compreensão renovada que seja sobretudo fiel ao Evangelho e capaz de “responder” aos desafios colocados pela complexidade do mundo de hoje.

Autoridade

Radcliffe não esconde o facto de a Igreja enfrentar atualmente uma grave crise de autoridade, cuja análise requer uma avaliação a diversos níveis e relativamente a vários aspetos subjacentes. Em primeiro lugar, esta crise insere-se num quadro mais generalizado de criticidade que afetou todas as instituições a nível global. Em segundo

lugar, a Igreja enfrenta uma crise de autoridade resultante da dolorosa situação dos abusos sexuais e que acarreta uma diminuição da credibilidade do seu testemunho aos olhos do mundo. Por último, a Igreja é desafiada a repensar a autoridade na sua dimensão interna, especificando a sua expressão através de modelos de governo que atualizam os ensinamentos doutrinários do Concílio Vaticano II e redescobrimo nomeadamente a dignidade de todos os fiéis decorrente da sua condição de batizados.

A partir da releitura dos transcendentais do ser – beleza, bondade, verdade – o autor procura evidenciar o fundamento da autoridade evangélica. É interessante constatar a inversão da ordem pela qual são apresentados os transcendentais, em que a verdade surge apenas no fim. Porquê? Porque sem a beleza que atrai, sem a bondade que permite depor as armas e baixar as defesas, a verdade pode ser esmagadora. A defesa da doutrina por si própria pode dar origem a uma autoridade que oprime e uniformiza.

Por conseguinte, a beleza do anúncio da Boa Nova surge aqui como “porta” que abre e dispõe ao diálogo. A bondade como capacidade de manter o esforço de não nos deixarmos contagiar pelo mal e contaminar pela fealdade. A verdade como revelação do olhar de Deus sobre o homem, tendente à realização final, como projeto de viver numa perspectiva escatológica. A autoridade emana da atitude de nos apresentarmos a nós próprios com verdade, sem esconder defeitos e erros. É a verdade que nos liberta e nos torna credíveis. A autoridade apenas pode ser implementada renunciando à pretensão de controlo e enfrentando o medo de sermos considerados “insuficientes”.

Para que a autoridade se configure de um modo novo na Igreja, tem de ser concebida e compreendida como um “nós” que integra identidades complementares. O exemplo de Tiago no “sínodo” de Jerusalém, no episódio narrado nos Atos dos Apóstolos (Act 15,1-34), torna-se paradigmático nos dias de hoje. Fazer surgir novos processos faz parte da definição de uma identidade eclesial plural: mais católica, porque mais orientada para a inclusão de todas as subjetividades que a constituem. A concretização desta nova expressão de autoridade no governo da Igreja exige tempo e paciência. Comparativamente com a velocidade que nos é imposta pelo presente, com o mecanismo de produção em massa e com a comunicação instantânea, a Igreja não deve ter receio de caminhar “mais devagar”. A lentidão dos processos sinodais é contracultura, mas o seu sucesso não está no resultado em si, nem nos objetivos atingidos, mas antes no modo

como permitirem às pessoas que neles participam, à Igreja, viver uma experiência de conversão do coração e do espírito.

O exemplo dos dominicanos demonstra como o exercício da autoridade consiste em proporcionar a cada pessoa uma maneira de encontrar o seu próprio “poder”. A autoridade concebida como serviço, a verdadeira liderança, não “fragiliza” aqueles sobre os quais é exercida, nem retira a sua força do enfraquecimento do outro. A boa governação funciona quando reconhecemos e respeitamos a autoridade de cada irmão e nos recusamos a absolutizar qualquer forma individual de autoridade. É um exercício de responsabilidade partilhada, em que o cumprimento da vocação do outro é considerado como parte da plena realização da própria vocação.

Antes de deixar o leitor com a profunda alegria de entrar no pensamento de Radcliffe, gostaria de agradecer pessoalmente a Timothy por nos ter oferecido estas meditações sobre a sinodalidade, mostrando-nos como o ato de ensinar assume atualmente a conotação de um generoso e necessário gesto de amizade

Cada linha deste texto revela o ardente desejo de Radcliffe de se inserir na cultura contemporânea, de conhecer e escutar as suas vozes, de entender as suas expectativas e receios. Esta disposição está patente nas numerosas citações de livros, filmes e músicas que nos restituem o ânimo e o desejo de enfrentar a realidade presente, fazendo da história e da cultura um “lugar” propício para encontrar os homens e as mulheres de hoje, para encontrar Deus que se faz sempre presente aos homens e mulheres do nosso tempo, para mediar o encontro através da proposta de um anúncio que é já dom de salvação.